



# 'Países ricos devem pagar pelo esforço de preservação da floresta'

Governador Eduardo Braga, do Amazonas, vai defender a proposta na Conferência do Clima em Copenhague

Marco Damiani  
ESPECIAL PARA O ESTADO

A Amazônia tem uma conta bilionária a acertar com os países mais industrializados. A fatura será apresentada em Copenhague, durante a Conferência das Nações Unidas (ONU) sobre Mudanças Climáticas, pelo governador do Amazonas, Eduardo Braga.

"Nossa região é uma vítima do aquecimento global, não a vilã", disse ele, durante o fórum sobre a Região Norte promovido pelo Estado, com apoio da Agência Estado e da Rádio Eldorado. O evento foi o primeiro da série Fóruns Estadão Regiões, que abordará todas as regiões brasileiras.

"Os que precisam mitigar emissões têm de nos pagar pelo trabalho de preservação da floresta", afirmou o governador. Braga reivindica para o Amazonas a condição de prestador de serviços ambientais dedicados ao planeta. Ele lembrou que, de acordo com medições internacionais por satélite, 98% da cobertura florestal do Estado permanece intacta.

O governador cita como exemplo a Reserva do Juma, com 400 mil hectares, a 400 quilômetros de Manaus, como exemplo de área em plena condição de comercializar o sequestro de carbono que realiza no dia a dia. "Ali, a mata promove o sequestro de 3 bilhões de toneladas de carbono, segundo entidades certificadas pela ONU, e sua preservação já pode ser monetizada", salienta. "Hoje, a compensação de uma tonelada de carbono tem o valor estimado pelo mercado em 10 reais, o que nos dá uma conta de R\$ 30 bilhões para cobrar dos ricos em Copenhague".

O governador será protagonista de três eventos na Conferência do Clima, nos dias 13 e 14 de dezembro, um deles montado exclusivamente para a apresentação do projeto de preservação da reserva do Juma.

Acompanhado diretamente



FÓRUM - Braga, governador do Amazonas, faz sua palestra, assistido por Luis Val, do Inpa, Ferreira Castro, da Vale, e Costa Ferreira, o Ministério da Integração Regional

por uma plateia de cem pessoas e transmitido ao vivo pela TV Estadão, na internet, o Fórum Estadão Regiões/Norte foi aberto com uma palestra do secretário de Políticas Regionais do Ministério da Integração Regional, Henrique Villas da Costa Ferreira. Ele sustentou que o atual modelo de integração regional do governo federal tem como referência o trabalho realizado pela União Europeia com seus integrantes economicamente menos desenvolvidos.

"Nossa intenção é alargar as fronteiras do Estado para criar as condições de combate à desigualdade", afirmou. O secretário

lembrou que este ano o Fundo Constitucional do Norte, gerenciado pelo governo federal, repassou mais de R\$ 2 bilhões para obras e ativação de programas sociais nos sete Estados da região.

O diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Adalberto Luis Val, chama a atenção para as dimensões da Região Norte. "Precisamos ter a noção, muitas vezes difusa, de que a Amazônia representa nada menos que 60% do território brasileiro", frisou. "Só por isso ela já ocupa um papel central no desenvolvimento do Brasil e de toda a América

## FRASES

### Eduardo Braga Governador do Amazonas

"Os que precisam mitigar emissões têm de nos pagar pelo trabalho de preservação da floresta"

### Adalberto Luis Val Diretor do Inpa

"A Amazônia contribui com cerca de 10% do PIB nacional, mas, do que é investido pelo governo federal em ciência e tecnologia, apenas 3% são destinados à região"

Latina, cujos países ao norte também têm parte na região."

Luis Val defendeu o sistema de parcerias entre governos e empresas privadas para dinamizar organismos como o Fundo de Amparo à Pesquisa e o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia. "A Amazônia contribui com cerca de 10% do PIB nacional, mas, do que é investido pelo governo federal em ciência e tecnologia, apenas 3% são destinados à região. Trata-se de um desequilíbrio extremamente significativo e prejudicial", afirma o pesquisador.

O diretor de Desenvolvimento de Projetos de Capital, Sus-

tentabilidade e Relações Institucionais da Vale, **Luiz Cláudio Ferreira Castro**, admite que a mineração é frequentemente associada, de maneira negativa, aos problemas ambientais na região. "Somos chamados de cavadores de buracos", afirmou. Ele destaca, no entanto, os esforços da mineradora em fazer o que classifica de mineração sustentável.

"Em Carajás, a maior jazida mineral do planeta, procuramos reinventar a mineração por meio de redução no consumo de energia e práticas mais adequadas de atenção ao meio ambiente."

# Para especialista, Amazônia pode conviver com o lucro

Existem alternativas sustentáveis para a região, defende pesquisador

Ana Conceição  
AGÊNCIA ESTADO

A ideia romântica de que a exploração da Amazônia não combina com iniciativas empresariais de grande escala tem de ser superada e o governo deveria unir seus esforços de integração da região em uma só agência ou ministério. São iniciativas cruciais para destravar o desenvolvimento econômico de uma área que abrange

a maior parte do território brasileiro, alerta José Alberto Machado, doutor em Desenvolvimento Sustentável e professor adjunto do Departamento de Economia e Análise da Faculdade de Estudos Sociais da Universidade Federal do Amazonas.

Para ele, a oposição entre meio ambiente e lucro tem que acabar. "Existem diferentes Amazonas; uma da mídia, outra internacional e a real. Essa

confusão impede análises importantes. Existe uma ideia equivocada de que Amazônia não combina com negócio", afirmou, durante o Fórum Estadão Regiões/Norte.

Esse engano a respeito da vocação econômica da região não abrangeria apenas o governo, mas também a iniciativa privada e organizações não governamentais (ONGs). Nesse sentido, Machado critica os modelos importados de gestão dos re-

ursos da floresta, que vão dos pequenos experimentos realizados por ONGs à exploração biotecnológica desordenada, passando por ideias como o desmatamento zero. Para ter sucesso e promover desenvolvimento, a atividade econômica local tem que ter foco no mercado e escala. "É preciso produto, gente para vender e para comprar."

O professor alerta, contudo, que isso não deve ocorrer sem

mudanças na forma de planejar a economia da Amazônia, hoje desarticulada e dispersa entre projetos espalhados por vários ministérios. Para ele, faz falta uma gestão com planejamento estratégico. Sem isso, projetos continuarão a sair de cena sem sequer serem colocados em prática. "Não há uma visão estratégica organizada e as dinâmicas econômicas e sociais já presentes na região não são levadas em conta", alerta.

Ele cita como exemplo de desarticulação o fato de a Zona Franca de Manaus ser tratada pelas agências oficiais como algo separado da Amazônia, em vez de ser integrada à lógica da economia local. "Não é mais possível que a região seja tratada por cada ministério e cada agência de forma diferente. Isso gera mais problemas que soluções."

Paulo Barreto, diretor do Instituto Imazon, diz que o planeja-

mento econômico é crucial em um momento em que o desmatamento e as atividades associadas a ele diminuem na região. "É possível ter outra matriz econômica que não esteja relacionada ao desmatamento", afirma. O manejo da floresta, que emprega 300 mil pessoas na região, é uma das fontes possíveis de renda, além do aumento da produtividade das áreas já desmatadas, onde predomina a pecuária extensiva.

A lógica da atividade econômica desordenada praticada na região não apresenta grandes dividendos. Em 2007, o PIB per capita das áreas desmatadas cresceu 2,3%, o mesmo percentual das áreas com floresta em pé. Nas áreas com a floresta em processo de desmatamento, esse percentual era de 6,3%, por causa da renda gerada pela retirada das árvores. A tendência é que esse nível caia quando não há mais o que desmatar. •

## DEBATEDORES

### Adalberto Luis Val Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa)

• A Amazônia representa 60% do território brasileiro. As ações para a região, muitas vezes, são concebidas sem levar em consideração a sua real dimensão. Destaca que a Amazônia se estende ainda por outros países do Continente. São 25 milhões de brasileiros e mais 15 milhões de vizinhos. Lamentou que a Amazônia ocupa um papel importante mais pela preservação da floresta do que pelas pessoas. Para ele, a região envolve questões ainda pouco conhecidas.



### Henrique Villas da Costa Ferreira Secretário de Políticas de Desenvolvimento Regional do Ministério da Integração Nacional

• Defende a busca de soluções diferenciadas para cada região. Acha fundamental o tripé organização social, infraestrutura e geração de emprego e renda. Defende o entrosamento de todos os atores envolvidos na questão do desenvolvimento regional: governos locais, iniciativa privada e terceiro setor. Todos precisam agir com políticas sólidas de ação para ajudar a combater as desigualdades regionais.



### Guilherme Leal Copresidente do Conselho de Administração da Natura

• O sucesso da experiência da indústria de cosméticos Natura, que neste ano cresceu dez vezes o valor inicial da empresa em 1998, é para o empresário o maior indicador de que a Amazônia oferece muitas oportunidades de negócios sustentáveis. Segundo ele, as empresas, porém, ainda sofrem com problemas de segurança institucional. Ele defende soluções diferenciadas e investimentos, especialmente na área educacional e de ciência e tecnologia.



### Luiz Cláudio Ferreira Castro Diretor de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Vale

• A mineração está em praticamente todos os produtos presentes na vida das pessoas. A atividade é importante, mas as jazidas se esgotam e têm impacto no meio ambiente. A Vale tem essa preocupação e trabalha para saber o que fazer quando as jazidas que explora se esgotarem. Desenvolve projetos para o encaminhamento da população próxima e busca novas vocações econômicas regionais.

